

Prefácio

Por Samantha Cidaley de Oliveira Moreira

Doutora em Design, professora do IFMG campus Santa Luzia

Quando recebi o convite para prefaciar esta publicação me senti privilegiada. Primeiro, pelo apreço que tenho pelos organizadores: Ana Célia, Lucas e Nadja. Pessoas queridas tanto pelos princípios que exercem e defendem quanto pelo empenho que dedicam para a realização de estudos científicos significativos para o desenvolvimento humano no âmbito desta existência.

Para além da afetividade envolvida, a temática é fascinante. Os brinquedos, as brincadeiras e a interdisciplinaridade do brincar está diretamente relacionada com uma fase da vida que é essencial para a formação do indivíduo como ser no mundo. É no brincar que as pessoas estabelecem os primeiros contatos com certas habilidades individuais, expressam traços de sua criatividade, experimentam a vida em sociedade e vivenciam culturas. Dentre outras benéncias, os brinquedos e as brincadeiras demonstram certa capacidade de aproximam pais e filhos; de reunir pessoas e promover a socialização; de facilitar o processo educativo e desenvolver bons hábitos; de provocar sentimentos e sensações; de marcar o cotidiano; e de ficar guardado na memória. Por estas e outras questões, ressalta-se o valor dos textos aqui reunidos.

No primeiro capítulo, Ana Célia Oliveira, Nadja Mourão e Romeu Rodrigues tratam o resgate cultural de brinquedos e brincadeiras infantis. A leitura do texto em questão traz, em nós, a consciência de nossa própria formação e, muitas vezes, nos ajuda a rememorar momento vividos na infância e compreender como brincar é bom, nos faz felizes e nos ajuda a viver em sociedade. Assim, fica nítido pelo texto que as mudanças e as permanências no contexto estudado revelam uma cultura, existem no imaginário social, marcam a história individual e coletiva e, sobretudo, contribuem para a formação humana.

Na sequência, a designer Camila Andrade e a pedagoga Máira Cunha discutem sobre a criação e a materialização de brinquedos infantis e demonstram que ao brincar, seja no processo de construção de brinquedos ou quando assume o lugar de protagonista na brincadeira, a criança desenvolve sua capacidade de autonomia, e ainda, aprende a ser, viver e conviver com as possibilidades de lidar com cores, formas, texturas, sons, cheiros, luzes que trazem à vida, muitas alegrias!

Além de proporcionar tal satisfação, os brinquedos são capazes de significar e ressignificar trajetórias. Conforme afirmam as autoras do terceiro capítulo, Clara Lins e Rita Ribeiro, senso de infância tal como conhecemos ainda é muito recente, visto que, por um longo período, a atitude das crianças se fazia uma “repetição sistemática” da vida adulta. A valorização da infância aconteceu no século XIX e, como consequência da Revolução Industrial, as crianças passaram a ser vistas como potenciais consumidoras de brinquedos produzidos em série, a partir do século XX. A diversidade na produção facilitou para que o público infantil se apropriasse dos brinquedos para contar suas histórias e dialogar com o mundo.

O processo de criação do jogo “tá na hora de comer”, voltado para crianças dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA), é o tema central do artigo escrito pelas pesquisadoras Michelle Cotrim e Rita Ribeiro.

Sobre a importância dos brinquedos e brincadeiras na primeira infância, os designers Márcio Guimarães e Diego Silva escreveram sobre a importância do brincar no processo de desenvolvimento da motricidade fina da criança. O artigo em questão faz referência a experimentos previstos no projeto de materiais pedagógicos inclusivos, desenvolvido pelos pesquisadores. A pesquisa em design visa promover práticas interdisciplinares com profissionais da Educação e Saúde, no intuito de “colaborar na produção de tecnologias educacionais assistivas”.

O texto produzido pelas pesquisadoras Merie Moukachar e Regina Leal, apresenta dados recolhidos a partir da investigação realizada, por elas, em uma brinquedoteca universitária. Com o objetivo de compreender “o brincar, o jogo e as brincadeiras articulados aos processos educativos”, bem como “a sua importância na formação dos pedagogos”, os resultados expressos nesse texto apontam a brinquedoteca como um espaço “onde pode se concretizar uma educação de qualidade”.

Para a compreensão da presença de brinquedos e brincadeiras no ambiente urbano contemporâneo, as designers Nadja Mourão e Ana Célia Oliveira investigaram ambientes em Belo Horizonte, destinados às atividades criativas e coletivas, que abrigam brinquedos e a realização de brincadeiras para todos os cidadãos da cidade.

No texto intitulado Brinquedos, memória e o design afetivo: observações do contexto atual da vida em família, Nadja Mourão e Ana Célia Oliveira se empenharam em conhecer e analisar as relações que possam existir entre o brinquedo, a memória e o design afetivo, como possibilidades para estimular vivências cotidianas, sobretudo aquelas ocorridas no contexto da pandemia, entre os anos de 2020 e 2022.

Sueli Salva e Lucas Martinez defendem a pedagogia do olhar e da escuta para entender a linguagem do brincar na Educação Infantil. Em outras palavras sugere-se a necessidade de as professoras e professores despertarem a sensibilidade para o fato de que a partir de interações e brincadeiras a criança torna-se capaz de pensar, refletir, negociar. Nas palavras dos autores, “ao brincar, [a criança] não está ‘apenas’ brincando, mas, está aprendendo como o mundo opera e aprendendo como poder fazer diferente, a partir da sua lógica própria, ainda não colonizada pelo trabalho e pela velocidade do mundo”.

Por fim, os pesquisadores Lidnei Ventura, Leticia Águida e Gustavo de Souza tecem análises, sobre a infância e suas singularidades, a partir de textos de Walter Benjamin. De acordo com os autores, a obra benjaminiana permite uma reflexão filosófico-cultural sobre o universo infantil.

Assim, convido-o à leitura desta obra, certa de que os textos podem simplesmente trazer à sua memória momentos de sua infância, acordar a criança que existe no íntimo de cada um de nós, motivá-lo ao encontro com outras crianças, pequenas ou já crescidas, para interações e brincadeiras, como, também alimentar novas pesquisas sobre essa temática, rica em possibilidades e afetos.